

“FAÇAM OS VOSSOS TRABALHOS DE CASA”: DISCURSOS HEGEMÓNICOS SOBRE O TRABALHO, DURANTE A CRISE DA ZONA EURO, NOS MEDIA TABLOIDE¹

Rita Himmel²

Maria Manuel Baptista³

| 327

Resumo

Este artigo procura explorar discursos hegemónicos sobre o trabalho produtivo, no contexto da crise da zona Euro. Partindo das divisões entre países credores e devedores, frequentemente associados ao Norte e Sul da Europa, respetivamente, exploramos os discursos presentes na cobertura jornalística das eleições legislativas portuguesas de 2011, através das versões online de dois jornais tabloide, o alemão Bild, e o português Correio da Manhã. A análise permite identificar uma visão hegemónica, transversal a ambos os jornais, que coloca o trabalho, e a consequente acumulação de capital, como eixo central de valorização de uma sociedade modelo, dividindo a Europa em credores cumpridores (de confiança) e devedores incumpridores (não dignos de confiança). Em alguns instantes, identificámos uma visão contra-hegemónica, que valoriza elementos para além da produtividade, põe em causa a necessidade de cumprimento, e coloca a raiz da crise no próprio sistema que valoriza o desenvolvimento como promovido no capitalismo avançado.

Palavras-chave

Hegemonia, Trabalho, Crise da zona Euro, Estudos dos Media

No contexto dos estudos pós-coloniais, ideias solidificadas sobre desenvolvimento, equiparado simplesmente a indicadores de crescimento económico, produtividade, e eficiência, têm sido postas em causa de inúmeros ângulos (Shiva, 1988, Harris, 2008). Contudo, no seio da União Europeia, fonte desta conceção de desenvolvimento, que a inventou e exportou (com maior ou menor força) para todo o mundo, prevalece a visão hegemónica de desenvolvimento económico do capitalismo avançado (Braidotti, 2017), com base em ideias sobre ética de trabalho e produtividade, mesmo quando, por vezes, as próprias políticas públicas, e os estudos sobre bem-estar, contrariam esta ideia (Penttilä, 2007). A visão hegemónica é tão forte que, até no seio dos países vistos como fracassados dentro deste modelo, a mesma continua a ser aceite como referente do seu valor, enquanto modelo societário, criando uma hierarquia dentro da Europa.

Partindo dos conceitos de ideologia e hegemonia como desenvolvidos por Stuart Hall (2016), a partir de Marx (1932/1968), Althusser (1971/2014) e Gramsci (1971/1999), focamos na cobertura jornalística para identificar discursos hegemónicos, sendo o jornalismo uma prática que tem a própria ideologia como objeto (Hall, 2016, p. 137). Os media tendem a reproduzir a hegemonia, não apenas devido à natureza narrativa dos textos jornalísticos, e do disfarce da objetividade (Bird & Dardenne, 1999), mas também pelo poder dos chamados

¹ Trabalho apresentado durante o XII Encontro Internacional OTIUM e VI Congresso Internacional em Estudos Culturais - Ócios e Resistências: Crescer e Envelhecer em Contextos Culturais Diversos.

² Doutoranda em Estudos Culturais, Universidade de Aveiro. E-mail: rita.himmel@ua.pt.

³ Professora Catedrática do Programa Doutoral em Estudos Culturais, Universidade de Aveiro, email: mbaptista@ua.pt.

definidores primários – as fontes oficiais às quais é dada maior credibilidade (Hall et. al, 1999). Sendo parte das estruturas hegemónicas de uma sociedade, e, ao mesmo tempo, parte das contra-hegemonias, por funcionarem como “quarto poder”, os media são lugares especialmente ricos para explorar discursos sobre estas questões (Hall, 2016). No contexto da crise das dívidas soberanas, que eclodiu em 2009, a Europa, enquanto União Europeia ou zona Euro, que se apresentava como una, desfez-se em várias, ao longo de discursos sobre “nós” e “o outro”. A mais evidente clivagem política e económica dividiu a Europa entre cumpridores e incumpridores, credores e devedores, rapidamente associando-se à divisão entre Norte e Sul da Europa. Assim, neste estudo, focamo-nos nos contextos de Portugal e da Alemanha, como representativos destas “duas Europas” (Lourenço, 1988) – uma divisão que não nasceu com a crise.

Para além do referente geográfico Norte-Sul, esta divisão encontrou uma outra linha de separação: os incumpridores encontram-se na Europa católica ou não protestante (PIIGS), e os cumpridores numa Europa protestante – linha esta já usada por Weber (1930/2005) para procurar a origem cultural do capitalismo, tendo vindo a encontrá-la na ética de trabalho protestante. Não sendo a influência luterana o foco do presente trabalho, é inegável a influência da Reforma nas ideologias e hegemónias discursivas pervasivas na Europa contemporânea, principalmente no que toca a discursos sobre trabalho e lazer, numa era em que valor, relevância, até dignidade, são medidos por indicadores económicos – uma visão estreitamente relacionada com os modelos de “desenvolvimento” que colocam países num espetro de evolução de acordo com standards alegadamente neutros.

Assim, num contexto em que o sucesso económico-financeiro é o medidor do sucesso e validade de uma sociedade, discursos sobre “nós” e “eles” transformam comunidades em válidas ou inválidas, dignas ou não de respeito, mediante os indicadores económicos que apresentam, sendo, muitas vezes, simplesmente atribuídos a questões de “atraso” e “desenvolvimento”, isto é, estados de evolução. E, no contexto europeu, a Alemanha, liderada por Angela Merkel, tem surgido como a líder do modelo apresentado como inegavelmente certo, tendo Beck até cunhado o termo “Merkiavel”, para ilustrar o estilo de liderança da chanceler alemã (Beck, 2014).

A Hegemonia da Produtividade nos Media

A análise empírica efetuada, neste estudo, permitiu-nos identificar esta visão hegemónica, tanto em Portugal como na Alemanha, que coloca o trabalho produtivo, e a consequente acumulação de capital, como eixo central de valorização de uma sociedade, dividindo a Europa em credores cumpridores (de confiança) e devedores incumpridores (não dignos de confiança). Em alguns instantes, identificámos uma visão contra-hegemónica, que valoriza elementos para além do trabalho, põe em causa a necessidade de cumprimento, e coloca a raiz da crise no próprio sistema que valoriza o desenvolvimento, na sua aceção tradicional.

Neste artigo, focamo-nos no chamado jornalismo tabloide, um tipo de jornalismo popular sensacionalista, feito principalmente de artigos e parágrafos curtos e frases simples, com um maior foco no lado emocional das notícias (DFJV, n.a., Público, Comunicação S.A., 1998), aqui representado pelo jornal alemão Bild, e pelo português Correio da Manhã, nas suas versões online. Os dados foram recolhidos segundo uma seleção temporal estratégica



em torno da demissão do Governo português a 23 de março, e das consequentes eleições legislativas em Portugal a 5 de junho de 2011, com dois métodos diferentes, tendo em conta a relação do jornal sob análise com o contexto eleitoral. Assim, o período temporal para a recolha de notícias na Bild foi: 23 -24.03.2011; 14.05 – 12.06.2011; 05/07/2011, e no Correio da Manhã: 23.03-24.03.2011; 30.05-06.06.2011; 05.07.2011. Para cada um dos jornais, a recolha começou com uma pesquisa on-line pelo motor de busca Google, de acordo com palavras-chave⁴ estrategicamente selecionadas, completada pelos motores de pesquisa internos de cada *website*, de cujos resultados foram selecionados os artigos mais relevantes, para efetuar uma análise de conteúdo (Bardin, 2007). Assim sendo, foram analisados 33 artigos do Correio da Manhã online, e 15 artigos da Bild online.

A Hegemonia do Modelo Alemão de Sucesso

Na visão hegemónica identificada, a Alemanha, muitas vezes personificada na pessoa da chanceler Angela Merkel, surge como o inegável modelo a seguir, a líder da Europa, uma vez que é, objetivamente, o país economicamente mais forte. Aqui encontramos, contudo, uma diferença entre a representação no jornal português em comparação com o jornal alemão, uma vez que, no primeiro, Merkel tende a surgir como a líder que domina a Europa, com um poder equivalente ou superior ao das instituições europeias, enquanto que, no segundo, o país surge geralmente numa posição de igualdade com os restantes Estados-membros, sendo as instituições europeias as dominantes, e Merkel apenas uma líder benevolente, que quer “salvar o Euro”.

Um dos exemplos, transversal a ambos os jornais, e presente em vários instantes da análise, é a utilização da expressão “fazer os trabalhos de casa”, como acontece no artigo de opinião assinado por um político do partido de direita português CDS (Félix, 2011), no qual o autor também equipara o poder da Alemanha ao das instituições europeias: “Agora, até está na moda governamental fazer o trabalho de casa... fora de casa. Melhor dizendo, de casa em casa, em casa de hóspedes alemães ou bruxelenses” (idem).

Também em “Olhai e Grécia – e fugi!” (Guerreiro, 2011), o autor, jornalista, veicula um discurso centrado numa auto-imagem de Portugal como um país fraco, de potenciais incumpridores, parte dos “elos mais fracos” da Europa: “A Europa não sabe o que fazer aos seus elos mais fracos e existe a tentação de simplesmente largá-los: excluir da zona euro” (idem).

Apesar de apenas surgir como uma parte secundária relativamente à notícia principal (Correio da Manhã, 2011), sob o subtítulo “Europeus do Sul trabalham mais do que alemães”, surge um dos artigos mais diretamente relevantes para explorar os discursos hegemónicos sobre trabalho, uma vez que não coloca em causa o trabalho como medida de valor, apenas alega que os países do Sul trabalham mais, a visão hegemónica é apoiada:

“Os europeus do Sul trabalham muito mais, e por vezes durante mais tempo, do que os alemães, refere um estudo que contraria as recentes declarações da chanceler alemã sobre um eventual laxismo social em Portugal, Espanha ou Grécia.”

⁴ Alemão: Portugal, Portugiesen, Portugiesin, Portugiesisch, Südeuropa, Südeuropäer, EuropaPortuguês: Alemanha, alemão, alemã, alemães, “Europa do Norte”, “europeu do norte”, “europeus do norte”, Europa.



No artigo de opinião “A anedota da Europa” (Coutinho, 2011), o autor adota um tom depreciativo sobre Portugal, procurando a validação no olhar externo, não diretamente da Alemanha, mas da Europa, que vê Portugal como “parvonía”, como país digno até de ser ridicularizado: “Portugal deixará de ser apenas mais um país pobre e irresponsável da periferia. Será, com toda a certeza, a maior anedota da Europa” (idem).

330 | Na recolha de artigos que se referem a Portugal na cobertura jornalística da Bild, para além de artigos com referências a futebol (na figura de Cristiano Ronaldo) e da beleza da Praia da Marinha, que ajuda a associar atividades de lazer ao país, encontramos principalmente uma cobertura relacionada com a crise. Especialmente interessante, no artigo acerca das eleições legislativas portuguesas, é a utilização de linguagem associada à doença e saúde em termos financeiros (Bild, 2011). O próprio título o indica: “Wahlsieger Coelho will Portugal gesundsparen” (Vencedor da eleição Coelho quer curar Portugal através da poupança, ou, literalmente: poupar Portugal até à saúde). Portugal é, não apenas neste artigo, descrito frequentemente como “país altamente endividado”.

No artigo “Griechen verhöhnern Europa... und kriegen neue Milliarden” (“Gregos ridicularizam a Europa... e recebem novos milhões”) (Ronzheimer & Schuler, 2011), o enquadramento da questão é logo visível no próprio título, questionando o mesmo se os protestos na Grécia seriam um escárnio da “disponibilidade para ajudar dos europeus”. Apesar de não ser diretamente sobre Portugal, mas sobre a Grécia, ambos os países são frequentemente referenciados em conjunto no contexto da crise. A resposta aos protestos, neste caso, é procurada junto de figuras alemãs, cujas declarações surgem como imperativos, e exigem que se cumpram os standards da Europa Central, isto é, o modelo alemão⁵:

“Volker Kauder (CDU – partido de Merkel) falou agora de forma clara com a BILD: “A Grécia esforça-se. Mas os esforços não são suficientes. Nós temos que **guiar a Grécia com mão firme** para o caminho da solidez. Só haverá ajuda se a Grécia fizer esforços de poupança ainda maiores.” (idem)

“Mensagem clara aos manifestantes: “Não devemos ficar impressionados com as manifestações na Grécia. A Grécia deve finalmente tornar-se um **Estado com padrões da Europa Central**. Só então evitaremos que a Europa morra ”.” (ibidem)

No artigo “Griechen sollen weniger Urlaub machen” (“Os gregos devem fazer menos férias”) (Bild, 2011) o jornal relata como Merkel “provocou” portugueses e gregos, e colocou “Druck” (pressão) sobre “Europas Schuldensünder” (os pecadores das dívidas europeus). Interessante é a utilização de linguagem associada à religião, e a associação de incumprimentos/dívida ao pecado. Merkel aparece, uma vez mais, na posição de quem dita as regras do jogo: “Também é importante que as pessoas não possam reformar-se mais cedo do que na Alemanha em países como Grécia, Espanha, Portugal, mas que todos lutem um pouco o mesmo - isso é importante. (...) Nós não podemos ter uma moeda única, e um pode ter muitos dias de férias e o outro muito poucos” (idem). Também o Ministro das Finanças alemão, Wolfgang Schäuble surge como colocando um travão na forma de funcionamento da união monetária: “A União Económica e Monetária não foi criada para ser um sistema de redistribuição de Estados-Membros ricos para pobres” (ibidem).

⁵ Expressões colocadas em negrito pelas autoras, para ênfase



Numa entrevista à chanceler Angela Merkel (Blome & Draxler, 2011), no jornal Bild, torna-se evidente uma divisão entre o enquadramento feito pelo jornal sobre a crise, e a postura adotada pela líder política. Contudo, a visão hegemónica da importância da supremacia alemã, como país forte que ajuda os países fracos, e como salvadora da Europa, mantêm-se em ambas as perspetivas:

BILD: Quando temos um fundo de crise a surgir permanentemente, ainda se pode falar numa distinção entre a zona Euro e uma “união de transferências”, em que os **fortes têm que, constantemente, ajudar os fracos?**

Merkel: “A Alemanha esteve, e está, disponível para ajudar **os mais fracos**, como demonstramos todos os anos com as nossas contribuições para o orçamento da UE. Mas, comigo, não haverá uma união de transferências. Cada país é responsável pela sua própria dívida. Mas, a Alemanha, como todos os outros países, tem interesse na estabilidade do euro como um todo. Portanto, o Fundo de Crise só concederá empréstimos em situações de emergência e **sob condições estritas** - empréstimos que, naturalmente, são reembolsáveis. Sobre tal assistência só pode haver decisões por unanimidade, a Alemanha pode, portanto, usar seu **poder de veto** se não estiverem reunidas as condições para a ajuda, eu também farei uso do mesmo.” (idem)

Na mesma entrevista, renova-se o apelo à diligência, no tom paternalista subjacente à linguagem escolar, quando Merkel é citada da seguinte forma: “alguns países da união monetária **não fizeram os trabalhos de casa durante anos**. É isso que esses países agora estão a compensar, e o Pacto de Competitividade fornecerá orientação política” (ibidem).

As Alternativas Contra-Hegemónicas

Nos momentos em que podemos identificar um discurso contra-hegemónico, no caso do jornal português, encontramos, por vezes, uma representação de Angela Merkel como líder dominante, mas não reconhecendo legitimidade a essa liderança, e existem até instantes próximos até de um discurso de ódio ou rancor.

Relevante é também compreender os momentos em que surgem os discursos contra-hegemónicos em ambos os jornais. No Correio da Manhã, estes surgem essencialmente na cobertura e comentários ao que chamamos o “Caso dos Pepinos”, em que existe uma falha por parte das autoridades alemãs, que parece abrir espaço para uma crítica aberta a toda a visão hegemónica de supremacia do modelo do país, e surgem essencialmente atravessando artigos inteiros, que são escritos na visão contra-hegemónica. Surgem também, essencialmente, do quadrante da esquerda, no caso de fontes políticas, ou de jornalistas do próprio jornal.

No jornal alemão, fragmentos do discurso contra-hegemónico vão surgindo ao longo de todos os artigos analisados, muitas vezes como contraponto da visão hegemónica. Isto, contudo, também poderá ser explicado pelo facto de muitos dos artigos analisados no Correio da Manhã serem artigos de opinião, onde o contraditório e a busca de objetividade não são necessários (Bird & Dardenne, 1999), e na Bild serem essencialmente peças de *hard news*, em que há, pelo menos, rotinas jornalísticas de procura do contraditório para atingir uma alegada objetividade jornalística.



Numa curta entrevista do jornal alemão a um membro do POUS (partido da oposição de esquerda, sem assento parlamentar) (Correio da Manhã, 2011), encontramos dois discursos divergentes sobre a questão da dívida: um refletido na pergunta do jornalista e outro na resposta da entrevistada:

“- Como é que **pagamos o que devemos?**

- Não devemos. Nós não fizemos esta dívida. A dívida é a dívida dos especuladores e é-nos imposta.” (idem)

332 |

A pergunta reflete um discurso comum no contexto da crise, que é a da representação de Portugal como incumpridor, latente na expressão “pagar o que se deve”. A entrevistada coloca a ênfase da responsabilidade não nos países incumpridores mas no setor financeiro. Este discurso da entrevistada leva também a um agrupamento identitário totalmente contra-hegemónico, baseado na rejeição do próprio sistema: não se trata de “eles” alemães/estrangeiros e “nós” portugueses, mas sim de uma divisão de classe que transcende fronteiras: “A questão central é unir os trabalhadores de toda a Europa contra as medidas que decorrem do euro” (ibidem).

Num outro artigo de opinião, de um deputado do PS (centro-esquerda) (Cabrita, 2011), destacamos a culpabilização do “liberalismo selvagem” e populismo, assim como da “crise global de 2008” pela situação de Portugal. Uma vez mais, o autor da ala política de esquerda, coloca o tom no liberalismo, e critica a austeridade: “Portugal está num combate desigual contra o tempo para provar o fracasso da receita seguida na Grécia e na Irlanda” (idem).

Para além dos artigos sobre diversos temas que nos permitem explorar estes discursos contra-hegemónicos, existe um tema particularmente caricato que marcou a cobertura jornalística do jornal português durante o período em análise e que foi rico na forma como permite identificar estas contra-hegemonias: o caso dos pepinos contaminados com E.Coli.

Em maio de 2011, um surto da bactéria E.Coli, em Hamburgo, na Alemanha, foi apresentado pelas autoridades alemãs como tendo tido uma origem provável em pepinos vindos de Espanha, antes de finalizadas as análises, que acabaram por desmentir a origem espanhola da bactéria. Para além das várias notícias sobre o caso, que se referem inúmeras vezes a “pepinos espanhóis”, e à precipitação das autoridades alemãs, e menções a agricultores portugueses e espanhóis “irritados com alemães”, isto é, criando uma clivagem subjacente ao nacionalizar a questão, foi também tema de vários artigos de opinião que de forma clara e explícita exploram o seu simbolismo: “A crise especulativa criou na Europa uma tendência de egoísmo suicidário que se manifesta da crise do euro à tragédia dos pepinos alegadamente espanhóis” (Cabrita, Os Passos da crise, 2011). Ou, num tom semelhante, um outro artigo de opinião:

“O lamentável episódio que aconteceu na Alemanha sobre a atribuição de culpas da nova estirpe da bactéria aos pepinos espanhóis é um sinal destes tempos em que a ideia de coesão social europeia dá lugar a estúpidos egoísmos nacionais, onde imperam os preconceitos.” (Pereira, 2011)

Este artigo contém, uma vez mais, personificada na pessoa de Angela Merkel, várias referências ao poder da União Europeia, e da Alemanha sobre a mesma: “As questões mais



importantes sobre o nosso futuro já se decidem mais em Berlim, ou em Frankfurt, sede do BCE, do que em Lisboa. E pelo caminho que esta Europa leva, não se augura nada de bom” (idem).

Também numa rubrica regular, em que um jornalista do Correio da Manhã destaca e tece curtos comentários das notícias da semana, sob o subtítulo “A fuga: Leve pepinos para Berlim”, o tom de confronto, com alguma violência, não é disfarçado:

“A viagem é barata e patriótica. Apanhe o avião para Madrid, compre uns belos pepinos espanhóis, esconda-os na mala e parta rapidamente para Berlim. Quando chegar à capital da Alemanha, tente tudo por tudo para ver a senhora Merkel e ofereça--lhes os pepinos. Com sorte salva Portugal da bancarrota certa.” (Ferreira, 2011)

Uma militante do partido de esquerda Bloco de Esquerda, assina um artigo de opinião intitulado “Grande pepineira” (Dias, 2011) onde pode ler-se: “O pepino assassino é um bom símbolo do estado da Europa. Confrontada com as infecções com E. Coli, a Alemanha decidiu, sem provas, culpar o produto espanhol” (idem).

Num tom semelhante, no artigo “Coliforme Merkel” (Catarino, 2011), o autor utiliza a ironia para também criticar a liderança alemã sobre a Europa e ironizar sobre a representação dos países do Sul:

“A fortaleza comandada por Angela Merkel descobriu apavorada uma invasão por legiões de E.coli – uma bactéria com horror ao sabonete e ao desinfetante. Só podia ser coisa vinda dos **bárbaros do Sul**. Intestino alemão, habituado a salsichas, carne de porco e a couve lombarda em chucrute, é um frasquinho de água de rosas. Ao contrário dos espanhóis, portugueses, gregos e, até, italianos – que põem em sério risco a saúde pública.” (idem)

O artigo continua com referências às representações da liderança alemã:

“Não sei o que é pior - se a bactéria, contra a qual a medicina tem as suas armas, se o profundo **desprezo da senhora Angela por nós todos**. O que realmente ameaça a Europa não é a simples E.coli, mas uma nova espécie chamada E.coli.merkel. É isto que nos está a matar. A estirpe alastra imparável. Ou arranjamos um remédio - ou não sobrevivemos à pandemia desta E.coli.merkel.” (ibidem)

Já no jornal alemão, notamos um distanciamento da hegemonia por parte de Merkel, na entrevista ao jornal Bild supra citada (Blome & Draxler, 2011). Nomeadamente uma negação do discurso da vitimização dos contribuintes alemães e da visão da Alemanha como modelo indiscutível da Europa em todas as frentes. Isto contribui para a sua representação como líder benevolente, enquanto a própria postura do jornal denota uma divisão entre os “bem” e os “mal” comportados. Uma vez mais, trata-se de uma questão de “fazer os trabalhos de casa”, isto é, fazer o que nos é exigido segundo o modelo certo de comportamento, segundo a orientação definida externamente:

BILD: Consegue entender que muitos alemães se sentem como os “**idiotas da Europa?**” Fizemos as reformas necessárias, mas os outros não ...

Merkel: “Antes de tudo, nunca devemos esquecer o quanto nós, alemães, beneficiamos po-



lítica e economicamente da Europa. Mas também vemos que alguns países da união monetária **não fizeram os trabalhos de casa durante anos**. (...) Mas nós **não somos os melhores em tudo**. Pense só na questão das vagas nos jardins de infância ou nossa taxa de pessoas licenciadas. É aí que podemos aprender muito com outros países da UE. "

334 | Também no supracitado artigo sobre as férias nos países do Sul (Bild, 2011), há uma preocupação com a resposta do lado português, sem, contudo, desmentir as diferenças entre os dias de férias em ambos os países:

"As críticas da chanceler provocaram indignação e protestos em Portugal, que está em risco de falência. "Isso é **puro colonialismo**", repreendeu o presidente do sindicato da CGTP, Manuel Carvalho da Silva, em que falta "qualquer solidariedade" (idem)

Para Além da Linearidade

A análise aqui apresentada permite-nos explorar, de forma preliminar, a forma como o trabalho e o conseqüente sucesso económico são hegemonicamente apresentados como referentes de hierarquização de diferentes sociedades, sustentando relações de poder com conseqüências políticas, económicas e sociais inegáveis, e servindo de justificação para políticas públicas a todas as escalas. O modelo tradicional de desenvolvimento, focado em indicadores económicos, continua a ser hegemonicamente aceite, com conseqüências dentro do próprio contexto europeu.

Este breve estudo também nos permite levantar o véu sobre a forma como essa mesma hierarquização pode levar a discursos de hetero- e autodepreciação e desvalorização de sociedades inteiras, e, muitas vezes como retaliação, até a discursos violentos de rancor, criando clivagens que constituem entraves a projetos de comunidade ou solidariedade cosmopolitas.

O papel dos media, como veículos e atores na construção de discursos hegemónicos e contra-hegemónicos, sendo locais privilegiados para identificar e compreender as hegemónias e ideologias que atravessam uma sociedade, nos seus elementos discursivo e material, é evidente na atualidade. O seu potencial na desconstrução e questionamento de discursos hegemónicos, e mesmo contra-hegemónicos, pode ser crucial, se houver consciência das hegemónias e até ideologias que atravessam os discursos prevalentes.

Sendo este estudo apenas preliminar, beneficiaria de aprofundamentos adicionais, nomeadamente através da análise de jornais que não sejam tabloide, de forma a procurar se as mesmas hegemónias estão presentes em discursos mais mitigados e menos sensacionalistas. Poderia ser melhorado, também, expandindo a incidência temporal da análise, para abarcar o período histórico mais recente, em que mudanças políticas na Europa parecem indicar uma alteração dos discursos hegemónicos quanto à produtividade, especialmente na vertente da austeridade e a influência de outras "crises", como a das migrações.



Referências Bibliográficas

- Weber, M. (1930/2005). *The Protestant Ethic and the Sprit of Capitalism*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Althusser, L. (1971/2014). On Ideology: What is ideology? To begin with: why this term? In *On the Reproduction of Capitalism: Ideology and Ideological State Apparatuses* (pp. 171-207). London: Verso.
- Bardin, L. (2007). *Análise de Conteúdo* (4ª ed.). (L. A. Reto, & A. Pinheiro, Trans.) Lisboa: Edições 70.
- Beck, U. (2014). *A Europa alemã: de Maquiavel a "Merkievel": estratégias de poder na crise do euro*. (M. Toldy, & T. Toldy, Trans.) Lisboa: Edições 70, Lda.
- Bild. (2011, June 6). Wahlsieger Coelho will Portugal gesundsparen. *Bild* .
- Bild. (2011, May 19). Griechen sollen weniger Urlaubmachen. *Bild* .
- Bird, S. E., & Dardenne, R. W. (1999). Mito, Registo e 'Estórias': Explorando as Qualidades Narrativas nas Notícias. In N. T. (org.), *Jornalismo: Questões, Teorias e «Estórias»* (2ª edição ed., pp. 263-277). Lisboa: Vega.
- Blome, N., & Draxler, A. (2011, March 23). "Jedes Land ist für seine Schulden selbst verantwortlich". *Bild* .
- Braidotti, R. (2017). Four Theses on Posthuman Feminism. In R. Grusin (Ed.), *Anthropocene Feminism* (pp. 21-48). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Cabrita, E. (2011, March 23). Os Passos da crise. *Correio da Manhã* .
- Cabrita, E. (2011, March 23). Senhor dos Passos. *Correio da Manhã* .
- Catarino, M. (2011, June 3). Coliforme Merkel. *Correio da Manhã* .
- Coutinho, J. P. (2011, May 31). A anedota da Europa. *Correio da Manhã* .
- Correio da Manhã. (2011, May 31). "Renacionalizar a banca". *Correio da Manhã* .
- Correio da Manhã. (2011, June 6). Idosos sem meios voltam a trabalhar. *Correio da Manhã* .
- DFJV Deutsches Journalistenkolleg GmbH. (n.a.). *Boulevardjournalismus*. Retrieved march 2018, from Lexikon: www.journalistenkolleg.de/lexikon-journalismus/boulevardjournalismus
- Dias, J. A. (2011, June 4). Grande pepineira. *Correio da Manhã* .
- Félix, B. (2011, March 13). Trabalho de Casa. *Correio da Manhã* .
- Ferreira, A. R. (2011, May 31). PSD descola do PS na última semana. *Correio da Manhã* .
- Guerreiro, P. S. (2011, May 31). Olhai a Grécia - e fugi! *Correio da Manhã* .
- Gramsci, A. (1971/1999). *Selections from the Prison Notebooks of Antonio Gramsci*. (Q. Hoare, & G. N. Smith, Eds.) London: ElecBook.
- Hall, S. (2016). *Cultural Studies 1983: A Theoretical History*. (J. D. Slack, & L. Grossberg, Eds.) Durham and London: Duke University Press.
- Hall, S., Critcher, C., Jefferson, T., Clarke, J., & Roberts, B. (1999). A Produção Social das Notícias: O "Mugging" nos Media". In N. Traquina, *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"* (pp. 224-250). Lisboa: Vega.
- Harris, R. L. (2008, Marzo-April). Latin America's Response to Neoliberalism and Globalization. *Nueva Sociedad* , 214.
- Lourenço, E. (1988). *Nós e a Europa ou as duas razões*. Lisboa: INCM.
- Marx, K., & Engels, F. (1932/1968). Part I: Feuerbach. Opposition of the Materialist and Idealist Outlook. In *The German Ideology* (Marx/Engels Internet Archive ed.). Progress Publishers.
- Público, Comunicação S.A. (1998). Livro de Estilo. Retrieved from static.publico.pt/nos/livro_estilo/16t-palavras.html
- Penttilä, R. (2007, January 17). Leisure is the vital ingredient in Nordic success. *Financial Times* .
- Pereira, A. E. (2011, June 5). Perigo na Europa. *Correio da Manhã* .
- Shiva, V. (1988). *Staying Alive: Women, Ecology and Survival in India*. New Delhi: Kali for Women.
- Ronzheimer, P., & Schuler, R. (2011, June 6). Griechen verhöhnern Europa... und kriegen trotzdem neue Milliarden! *Bild* .



Bibliografia Secundária

- Bild. (2011, May 19). Griechen sollen weniger Urlaubmachen. *Bild*. Retrieved March 28, 2018, from <https://www.bild.de/politik/inland/griechenland-krise/griechen-sollen-weniger-urlaub-machen-17973738.bild.html>
- Bild. (2011, June 6). Wahlsieger Coelho will Portugal gesundsparen. *Bild*. Retrieved March 27, 2018, from <https://www.bild.de/politik/ausland/portugal-krise/portugal-wahl-coelho-will-land-wieder-gesundsparen-18240972.bild.html>
- Blome, N., & Draxler, A. (2011, March 23). "Jedes Land ist für seine Schulden selbst verantwortlich". *Bild*. Retrieved March 28, 2018, from <https://www.bild.de/politik/2011/euro-krise/eu-sondergipfel-jedes-land-ist-fuer-seine-schulden-selbst-verantwortlich-16718732.bild.html>
- Cabrita, E. (2011, March 23). Os Passos da crise. *Correio da Manhã*. Retrieved March 29, 2018, from <http://www.cmjornal.pt/opiniao/colunistas/eduardo-cabrita/detalhe/os-passos-da-krise>
- Cabrita, E. (2011, March 23). Senhor dos Passos. *Correio da Manhã*. Retrieved March 29, 2018, from <http://www.cmjornal.pt/opiniao/colunistas/eduardo-cabrita/detalhe/os-passos-da-krise>
- Catarino, M. (2011, June 3). Coliforme Merkel. *Correio da Manhã*. Retrieved March 29, 2018, from <http://www.cmjornal.pt/opiniao/colunistas/manuel-catarino/detalhe/coliforme-merkel>
- Correio da Manhã. (2011, May 31). "Renacionalizar a banca". *Correio da Manhã*. Retrieved March 29, 2011, from <http://www.cmjornal.pt/politica/detalhe/renacionalizar-a-banca>
- Correio da Manhã. (2011, June 6). Idosos sem meios voltam a trabalhar. *Correio da Manhã*. Retrieved March 29, 2018, from <http://www.cmjornal.pt/exclusivos/detalhe/idosos-sem-meios-voltam-a-trabalhar>
- Coutinho, J. P. (2011, May 31). A anedota da Europa. *Correio da Manhã*. Retrieved March 29, 2018, from <http://www.cmjornal.pt/opiniao/colunistas/joao-pereira-coutinho/detalhela-anedota-da-europa>
- Dias, J. A. (2011, June 4). Grande pepineira. *Correio da Manhã*. Retrieved March 29, 2018, from <http://www.cmjornal.pt/opiniao/colunistas/joana-amaral-dias/detalhe/grande-pepineira>
- Félix, B. (2011, March 13). Trabalho de Casa. *Correio da Manhã*. Retrieved March 29, 2018, from <http://www.cmjornal.pt/opiniao/detalhe/trabalho-de-casa>
- Ferreira, A. R. (2011, May 31). PSD descola do PS na última semana. *Correio da Manhã*. Retrieved March 29, 2018, from <http://www.cmjornal.pt/opiniao/detalhe/psd-descola-do-ps-na-ultima-semana>
- Pereira, A. E. (2011, June 5). Perigo na Europa. *Correio da Manhã*. Retrieved March 29, 2018, from <http://www.cmjornal.pt/opiniao/colunistas/armando-esteves-pereira/detalhe/perigo-na-europa>

